

Voto de Pesar pelo falecimento de Cândida Ventura

Na passada quarta-feira, dia 16, vítima de paragem cardiorrespiratória, faleceu no Hospital de Portimão, aos 97 anos, Cândida Ventura.

Cândida Margarida Ventura nasceu em Lourenço Marques, a 30 de Junho de 1918. Ainda criança mudou-se com os pais para as Caldas de Monchique e, aos 11 anos, foi estudar para Lisboa. A sua aproximação à política ocorreu no decurso da sua vida universitária, iniciada em 1937, quando se matriculou em Ciências Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, ano em que ingressou no Partido Comunista Português.

Tornou-se então próxima de figuras como Álvaro Cunhal ou Fernando Piteira Santos (com quem viria, aliás, a casar) e foi activista das lutas académicas de 1937 a 1939, bem como nas manifestações e greves de 1941. Além disso, teve participação em múltiplos movimentos da época: Federação das Juventudes Comunistas Portuguesas, Bloco Académico Antifascista, Socorro Vermelho Internacional, Associação Feminina Portuguesa para a Paz e Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas.

Mulher de imensa cultura, escreveu em jornais e revistas (nomeadamente no jornal *O Diabo*) e foi amiga das figuras mais marcantes das letras e das artes portuguesas da época.

Terminada a licenciatura em 1943, passou à clandestinidade como funcionária do PCP, situação na qual permaneceu cerca de 17 anos, vivendo uma existência de graves perigos e duras privações, e onde usou os pseudónimos mais diversos: Rosa, Rosário, Joana e André. Em 1949 tornou-se na primeira mulher a integrar o Comité Central do Partido Comunista Português.

Em 1958 viaja até à União Soviética e é no decurso dessa viagem que, como confessará anos mais tarde, lhe surgem sérias dúvidas e interrogações quanto à própria natureza do regime que ali se vivia.

De regresso a Lisboa continua, contudo, o seu trabalho na clandestinidade, até que no dia 3 de Agosto de 1960 foi presa pela PIDE. Grávida, as torturas a que foi sujeita levaram-na a abortar. Em 1961, foi condenada a 5 anos de prisão e a 15 anos de suspensão de direitos políticos. Mas, em 1963, por se encontrar em perigo de vida, foi-lhe concedida liberdade condicional. Para se tratar, partiu para Paris e daí para a Rússia. Em 1965 estabelece-se em Praga como representante do PCP e assume, igualmente, as funções de redactora da mais importante revista teórica do movimento comunista revista, denominada *Revista Internacional - Problemas da Paz e do Socialismo*.

Responsável pelos comunistas portugueses residentes na então Checoslováquia, tornou-se amiga de destacadas figuras como Artur London e Alexander Dubcek e participou na tentativa de reforma e de democratização do regime comunista aí levada a cabo, que ficou conhecida para a história como a “Primavera de Praga” e que foi esmagada pelos tanques do Pacto de Varsóvia em 21 de Agosto de 1968. Anos mais tarde, em 1984, retratará toda a sua experiência no livro que tem por título “O Socialismo que eu vivi – testemunho de uma ex-dirigente do PCP”, em que dará conta, nomeadamente, dos motivos que a levaram à conclusão de que o comunismo não era

reformável e em que denunciou a situação que se vivia nos países daquilo a que Winston Churchill chamara a “Cortina de Ferro”.

Regressou a Portugal em 1975 e, em 1976, abandonou o PCP e deixou de ser comunista. No nosso País, foi professora e funcionária do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Fixou-se depois no Algarve, onde viveu as últimas décadas da sua vida. Manteve também actividade política, tendo apoiado o Partido Socialista e vindo, mais tarde, a apoiar a primeira campanha presidencial do Professor Cavaco Silva.

Numa época em que o relativismo impera e em que a defesa dos interesses se sobrepõe, com demasiada frequência, à luta por causas, o percurso de vida de Cândida Ventura deve ser recordado e celebrado. Pelo exemplo que nos deixa de coerência, de resiliência, de coragem e de capacidade de sacrifício. Pelo empenho que sempre colocou na luta pela liberdade e pelos direitos cívicos. E, sobretudo, pelo modo firme e determinado como rejeitou a ditadura, fosse ela o Estado Novo português ou o comunismo soviético.

Assim, reunida em 18 de Dezembro de 2015, a Assembleia da República manifesta o seu mais profundo pesar pela morte de Cândida Ventura e apresenta à sua família as suas mais sinceras condolências.